

VARIEDADES

UM CASAMENTO DIABOLICO

Viviam antigamente n'uma aldeia um velho, sua mulher e seu filho unico Ivanof: o casal era pauperrimo. Quando o filho cresceu, a mulher disse um dia ao marido:

— E' preciso casar o rapaz.

— Pois vae procurar uma mulher, disse o marido.

A velha foi á casa do visinho e pediu-lhe a mão da filha para Ivanof; o visinho recusou. Dirigiu-se á casa de outro, que tambem recusou; o terceiro por unica resposta apontou-lhe o caminho da porta. A velha voltou para casa e disse:

— Decididamente, o rapaz é muito caipora.

— Como assim?

— Fui a varias casas, mas ninguem me quiz dar sua filha.

— Peior, peior, disse o velho. O verão está a bater á porta, e não teremos ninguem que nos ajude a trabalhar. Vae a aldeia, mulher, que talvez tragas uma noiva.

A velha partiu para a aldeia, apresentou-se em todas as casas, desde a primeira até a ultima; mas em toda a parte a acolheram de má cara.

— Ah! disse ella quando chegou á casa, ninguem quer dar sua filha a uns mendigos como nós.

— Si assim é, replicou o velho, de que serve entristecer-nos? Vamos dormir.

O filho ficou muito afflicto e disse:

— Pae que me deste a vida, mãe que me amamentaste, deem-me a benção, que eu mesmo irei procurar o meu destino.

— Mas onde irás?

— Onde meus olhos me levarem.

Os velhos abençoaram o filho e deixaram-o ir onde lhe parecesse.

O moço dirigiu-se para a estrada real, derramou lagrymas amargas, e disse com os seus botões:

— Serei tão caipora que não encontre uma rapariga que queira casar comigo? Si o diabo me offerecesse uma esposa, acceitava-a.

Immediatamente, como si surgisse das entranhas da terra, appareceu-lhe um velho.

— Bom dia, rapaz.

— Bom dia, velho.

— O que foi que disseste?

O moço teve medo e não soube o que responder.

— Não tenhas medo de mim, que nenhum mal quero fazer-te, e posso até ser-te util. Falla com franqueza.

Ivanof contou-lhe o que se passára:

— Sou um caipora! Não ha uma só rapariga que queira

casar comigo. Então, desesperado, furioso, exclamei: „ Si o diabo me offerecesse uma esposa, acceitava-a.“

O velho poz-se a rir e disse:

— Segue-me que te darei uma esposa lindissima.

Depressa chegaram a um grande lago.

— Volta as costas para o lago e anda para traz, disse então o velho.

Apenas o moço voltou-se e deu dous passos, achou-se debaixo d'agua e n'um palacio construido de pedras brancas.

Todos os aposentos eram sumptuosamente mobiliados. O velho offereceu um banquete ao seu hospede. Depois chamou a sua presença doze raparigas bonitas á porfia.

— Escolhe a que quizeres; dou-te a que escolheres.

— Galante aventura! disse o moço. Deixe-me pensar até amanhan, meu tio.

— Pois sim. Pensa, disse o velho.

E levou o hospede para seu quarto.

O moço deitou-se e perguntou: „ Qual dellas hei de escolher?“

Subito abriu-se a porta, e entrou uma bella rapariga.

— Dormes ou estás acordado? disse ella.

— Não; não posso dormir; estou pensando na noiva que devo escolher.

— Foi por isso justamente que aqui vim. Quero dar-te um conselho. Sabes que és hospede do diabo? Agora ouve. Si queres voltar vivo para o mundo branco, faze o que te digo; mas si não seguirés as minhas instrucções, não sairás daqui vivo.

— Diz-me o que devo fazer, e o meu reconhecimeto será eterno.

— Amanhan o demonio te apresentará as doze raparigas.

Todas se parecem absolutamente; mas olha bem para mim e escolhe-me. Na minha testa pousará uma mosca; será esta um guia certo para ti.

E em seguida disse-lhe quem era e contou-lhe a historia de sua vida.

— Conheces o estalajadeiro da aldeia de ***? disse ella.

Pois eu sou sua filha, aquella que lhe desapareceu de casa com a idade de nove annos. Um dia meu pae zangou-se comigo, e exclamou encolerizado: „ Que te leve o diabo!“ Sahi não sei como da porta e puz-me a gritar. De repente os demonios arrebatarem-me e trouxeram-me para aqui, e desde então vivo com elles.

No dia seguinte pela manhan o velho trouxe as doze moças, e ordenou ao moço que escolhesse uma esposa. Depois de as ter examinado attentamente, Ivanof indicou aquella em cuja testa pousára uma mosca.

O velho mostrou-se contrariado com a escolha; trocou o logar das raparigas e disse ao moço que escolhesse de novo.

Ivanof tornou a indicar a mesma rapariga.

O diabo obrigou-o a escolher pela terceira vez: elle indicou ainda a mesma noiva.

— Pois leva-a para tua casa, disse o diabo.

Immediatamente os noivos acharam-se á beira do lago, tiveram todavia o cuidado de caminhar ás recuadas até que chegassem ao caminho da collina.

Então o bom rapaz levou a noiva para a sua aldeia; mas passando em frente á casa do estalajadeiro pararam.

Este, vendo os viajantes, perguntou-lhes o que queriam.

— Somos viajantes, responderam elles, deixa-nos passar a noite em sua casa.

— Não posso, respondeu o estalajadeiro; tenho todos os quartos tomados.

— O que estás p'ra ali a dizer ó tiosinho? perguntou-lhe um dos hospedes. E' um dever sagrado dar pousada aos peregrinos.

— Pois então que entrem.

Elles entraram, trocaram as saudações do costume e foram sentar-se n'um banco, a um canto:

— Não me reconhece, meu pae? perguntou a rapariga; não reconhece sua filha?

E contou o que se passára.

O pae abriu-lhe logo os braços, e ambos derramaram lagrymas de alegria.

— E que homem é este? disse o estalajadeiro.

— E' meu noivo, respondeu a moça. Foi elle quem me trouxe para o mundo branco. Si não fosse elle, eu teria ficado para sempre nas entranhas da terra.

E em seguida a moça desatou a sua trouxa e mostrou-lhe pratos de prata que roubára ao diabo.

O estalajadeiro examinou-os e disse:

— Oh! são os meus pratos!

Um dia zanguei-me com minha mulher: „ Que o diabo te leve!“ exclamei, lançando ao chão tudo o que estava em redor de mim. Nesse momento os meus pratos desapareceram.

Fora assim effectivamente, o que succedera. Mal o estalajadeiro pronunciou o nome do diabo, o demonio appareceu á porta lançou a mão aos pratos de prata e deixou apenas os de porcellana.

Foi assim que Ivanof encontrou uma esposa tão distincta

E logo que a recebeu por esposa, voltou á casa de seus paes.

Qual não foi a sua alegria ao tornar a vê-lo! Julgavam-no já perdido para sempre.

A sua volta foi festejada por toda a aldeia, e os velhos do logar decidiram que para o futuro ninguem diria mais, mesmo gracejando: „ Que o diabo te leve?“

NIET.

CASAS FREQUENTADAS Pela Aristocracia

FRANCEZA e BRASILEIRA

ESPARTILHOS

Mesdames **DE VERTUS** Irmãs

(PRIVILEGIADAS)

Paris — 12, rua Auber — Paris

O nome de Mesdames de Vertus é universalmente conhecido graças aos seus maravilhosos espartilhos de um corte sempre perfeito e de extrema elegancia. Esta casa, a primeira de Paris, é patrocinada pelas senhoras da alta sociedade da Europa e da America.

MACHINAS DE COSTURA

Grande numero de nossas leitoras nos consultam á respeito da compra sempre difficil de uma boa machina de costura. Nos apressamos em recomendar-lhes as Cebres Machinas da Casa **D. BACLE**, 46, rua do Bac, em Paris.

Esta Casa possui um grande sortimento de Modelos aperfeicoados; é a unica proprietaria do *Pedal Magico*, motor higienico privilegiado e premiado com uma medalha. O feliz resultado d'esta soberba invenção não tem precedentes e merece a nossa recommendação. Para mais amplas informações aconselhamos que se peça

O Catalogo Illustrado, Casa **D. BACLE**, 46, rua do Bac, Paris.

EXPOSITION UNIV^{lle} 1878

Medaille d'Or



Croix de Chevalier

LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

PERFUMARIA ESPECIAL

DE

LACTEINA

E. COUDRAY

Preconizada pelas Celebridades Medicas de Paris
PARA TODAS AS NECESSIDADES DO TOUCADOR

Productos Especiales:

- FLOR de ARROZ de LACTEINA para branquear a Pelle.
- SABÃO de LACTEINA para o Toucador.
- CREME e PÓ de SABÃO de LACTEINA para a Barba.
- POMADA de LACTEINA para a Belleza dos Cabellos.
- AGUA de LACTEINA para o Toucador.
- OLEO de LACTEINA para embellezar os Cabellos.
- ESSENCIA de LACTEINA para Lenços.
- PÓ e AGUA DENTIFRICIOS de LACTEINA.
- CREME LACTEINA chamada setim da Pelle.
- LACTEININA para branquear a Pelle.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA

PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS

Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias
e Cabellereiros da America.

Semolina

NOVO ALIMENTO RECONSTITUINTE

Composto do Mosteiro
PELOS DE
RR.PP. Trapeiros DE
Menção Honrosa Port-du-Salut
na EXPOSIÇÃO DEPOSITO GERAL:
Universal Internacional PARIS
PARIS 1878 R. des Lions-St-Paul
Nº 2



Os principios reconstituintes da **Semolina** são obtidos ao mesmo tempo pela porção cortical dos melhores cereaes, e dos saes naturais do leite de vacca não tendo soffrido alteração alguma.

Creou-se aparelhos especiaes muito aperfeicoados, tanto para evaporar o soro do leite e mistural-o com a farinha, como tambem para dar a esta mistura a forma de graintos que a torna mais facil de ser empregada.

Este excellente producto é receitado pelas sumidades medicas ás pessoas fracas, aos Convalescentes, ás Crianças, as Amas de leite, ás pessoas que tem o estomago cansado, o Peito debilitado e a todas aquellas de constituições delicadas, com a certeza de dar-lhes um remedio effcaz.



RUBENS E SUA PRIMEIRA ESPOSA

LITTERATURA

A CARTEIRA.

.... De repente, Honorio olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, salvo um homem que estava á porta de uma loja, e que, sem o conhecer, lhe disse rindo :

— Olhe, se não dá por ella ; perdia-a de uma vez.

— E' verdade, concordou Honorio envergonhado.

Para avaliar a oportunidade desta carteira, é preciso saber que Honorio tem de pagar amanhã uma divida, quatrocentos e tantos mil réis, e a carteira trazia o bojo recheado. A divida não parece grande para um homem da posição de Honorio, que advoga ; mas todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circumstancias, e as delle não podiam ser peiores. Gastos de familia excessivos, a principio por servir a parentes, e depois por agradar a mulher, que vivia aborrecida da solidão ; baile daqui, jantar dalli, chapeos, leques, tanta cousa mais, que não havia remedio se não ir descontando o futuro. Individuou-se. Começou pelas contas de lojas e armazens ; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo a crescer, e os bailes a darem-se, e os jantares a comerem-se, um turbilhão perpetuo, uma voragem.

— Tu agora vás bem, não ? dizia-lhe ultimamente o Gustavo C. . . , advogado e familiar da casa.

— Agora vou, mentiu o Honorio.

A verdade é que ia mal. Poucas causas, de pequena monta, e constituintes remissos ; por desgraça perdera ultimamente um processo, em que fundára grandes esperanças. Não só recebeu pouco, mas até parece que ella lhe tirou alguma cousa á reputação jurídica ; em todo caso, andavam mofinas nos jornaes.

D. Amelia não sabia nada ; elle não contava nada á mulher, bons ou máus negocios. Não contava nada a ninguém. Fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de prosperidades. Quando o Gustavo, que ia todas as noites á casa delle, dizia uma ou duas pilherias, elle respondia com tres e quatro ; e depois ia ouvir os trechos de musica allemã, que D. Amelia tocava muito bem ao piano, e que o Gustavo escutava com indissolvel prazer, ou jogavam cartas, ou simplesmente fallavam de politica.

Um dia, a mulher foi achal-o dando muitos beijos á filha, creança de quatro annos, e viu-lhe os olhos molhados ; ficou espantada, e perguntou-lhe o que era.

— Nada, nada.

Compreende-se que era o medo do futuro e o horror da miseria. Mas as esperanças voltavam com facilidade. A ideia de que os dias melhores tinham de vir dava-lhe conforto para a luta. Estava com trinta e quatro annos ; era o principio da carreira ; todos os principios são difficeis. E toca a trabalhar, a esperar, a gastar, pedir fiado ou emprestado, para pagar mal, e a más horas.

A divida urgente de hoje são uns malditos quatrocentos e tantos mil réis de carros. Nunca demorou tanto a conta, nem ella cresceu tanto, como agora ; e, a rigor, o credor não lhe punha a faca aos peitos ; mas disse-lhe hoje uma palavra azeda, com um gesto máo, e Honorio quer pagar-lhe hoje mesmo. Eram cinco horas da tarde. Tinha-se lembrado de ir a um agiota, mas voltou sem ousar pedir nada. Ao espiar pela rua da Assembléa é que viu a carteira no chão, apanhou-a, mettu no bolso, e foi andando.

Durante os primeiros minutos, Honorio não pensou nada ; foi andando, andando, até ao largo da Carioca. No largo parou alguns instantes — ; enfiou depois pela rua da Carioca, mas voltou logo, e entrou na rua Uruguayana. Sem saber como, achou-se dahi á pouco no largo de S. Francisco de Paula ; e ainda, sem saber como, entrou em um Café. Pediu alguma cousa e encostou-se á parede, olhando para fóra. Tinha medo de abrir a carteira ; podia não achar nada, apenas papeis e sem valor para elle. Ao mesmo tempo, e esta era a causa principal das reflexões, a consciencia perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achasse. Não lhe perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes com uma expressão ironica e de censura. Podia lançar mão do dinheiro, e ir pagar com elle a divida ? Eis o ponto. A consciencia acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira á policia, ou annuncial-a ; mas tão depressa acabava de lhe dizer isto, vinham os apuros da occasião, e puxavam por elle, e convidavam-n'o a ir pagar a cocheira. Chegavam mesmo a dizer-lhe que, se fosse elle que a tivesse perdido, ninguém iria entregar-lha ; insinuação que lhe deu animo.

Tudo isso antes de abrir a carteira. Tirou-a do bolso, finalmente, mas com medo, quasi ás escondidas ; abriu-a, e ficou tremulo. Tinha dinheiro, muito dinheiro ; não contou, mas viu duas notas de duzentos mil réis, algumas de cincoenta e vinte : calculou uns setecentos mil réis ou mais ; quando menos, seiscentos. Era a divida paga ; eram menos algumas despezas urgentes. Honorio teve tentações de fechar os olhos, correr á cocheira, pagar, e, depois de paga a divida, adeus ; reconciliar-se-hia consigo. Fechou a carteira, e com medo de a perder, tornou a guardá-la.

Mas dahi a pouco tirou-a outra vez, e abriu-a, com vontade de contar o dinheiro. Contar para que ? era delle ? Afinal venceu-se e contou : eram setecentos e trinta mil réis. Honorio teve um calafrio ; ninguém viu, ninguém soube ; podia ser um lance da fortuna, a sua boa sorte, um anjo . . . Honorio teve pena de não crer nos anjos . . . Mas porque não havia de crer nelles ? E voltava ao dinheiro, olhava, passava-o pelas mãos ; depois, resolvia o contrario, não usar do achado, restituil-o. Restituil-o a quem ? Tratou de ver se havia na carteira algum signal.

— Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro, pensou elle.

Esquadrinhou os bolsos da carteira. Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita ; leu o nome ; era do Gustavo. Mas então, a carteira . . . ? Examinou-a por fóra, e pareceu-lhe effectivamente do amigo. Voltou ao interior ; achou mais dous cartões, mais tres, mais cinco. Não havia duvidar ; era delle.

A descoberta entristeceu-o. Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar um acto illicito, e, naquelle caso, doloroso ao seu coração, porque era em damno de um amigo. Todo o castello levantado esboroou-se como se fosse de cartas. Bebeu a ultima gotta de café, sem reparar que estava frio. Sahi, e só então reparou que era quasi noite. Caminhou para casa. Parece que a necessidade ainda lhe deu uns dous empurrões, mas elle resistiu.

— Paciencia, disse elle consigo ; verei amanhã o que posso fazer.

Chegando a casa, já alli achou o Gustavo, um pouco preocupado, e a propria D. Amelia o parecia tambem. Entrou rindo, e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma cousa.

— Nada.

— Nada ?

— Porque ?

— Mette a mão no bolso ; não te falta nada ?

— Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem metter a mão no bolso. Sabes se alguém a achou ?

— Achei-a eu, disse Honorio entregando-lh'a.

Gustavo pegou della precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo. Esse olhar foi para Honorio como um golpe de estylete ; depois de tanta luta com a necessidade, era um triste premio. Sorriu amargamente ; e, como o outro lhe perguntasse onde a achára, deu-lhe as explicações precisas.

— Mas conheceste-a ?

— Não ; achei os teus bilhetes de visita.

Honorio deu duas voltas, e foi mudar de *toilette* para jantar. Então Gustavo sacou novamente a carteira, abriu-a, foi a um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro não quiz abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amelia, que, ansiosa e tremula, rasgou-o em trinta mil pedaços : era um bilhetinho de amor.

M. DE A.

LIVRINHO DE FAMILIA

Lingua fresca de espetada. — Dê uma fervura á lingua, tire-lhe a pelle com todo o mimo, e adube-a com banha, sal vinagre bom, pimenta, tomates, cebola verde, louro, e leve-a a fogo brando para refugar. Corta-se depois a lingua em rodellas, enfiam-se as rodellas n'um pausinho, que se leva ás brazas de carvão. Retiram-se e collocam-se no prato. Ao refugado, que ficou, junta-se um pouco de *petits pois*, e lança-se tudo por cima das rodinhas de lingua, que não devem ficar tostadas. Ao refugado, depois de retirada a lingua, e por occasião de pôr o *petit-pois*, junta-se um pouco de vinho branco. E' de lambar os beijos, acrescenta a *Mãe de Familia* de onde extrahimos esta petisqueira.

Pão de Loth de chocolate. — A *Mãe de Familia* offerceu ás suas leitoras, como presente de festas de anno bom, a seguinte receita de pão de Loth de chocolate :

Desmanchem-se n'um pouquinho d'agua dous páos de chocolate, sem assucar ;

Misture-se depois á massa de pão de Loth ;

Bata-os junctos até se unirem bem ; e — zás ! no forno em temperatura branda, chamada de cosinhar suspiros.

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 5 de Março de 1884.

Ni ni, c'est fini du carnaval. . . . Tudo está dito do carnaval do Rio de Janeiro.

Com este carnaval de 1884, terminará, creio, a serie já longa de amolações.

Decididamente nós já não somos mais feitos para as folias carnavalescas, como são actualmente.

Os Lovelaces e lords Seymour de hoje inverteram com effeito a maxima de Beaunarchais ; e d'uma festa alegre e divertida que era o carnaval, não nos ficou senão uma passeata insulsa e tola.

A mim, lembra-me ainda o carnaval em todo o seu fulgor, e engraçado e divertido.

Era então a melhor gente do Rio de Janeiro que festejava o grande Momo.

E era nos theatros que todos os mascarados iam, em sociedade, ou avulsos, terminar a noite.

No São Pedro, ou no Provisorio, os camarotes apinhavam-se de tudo quanto o Rio de Janeiro possuia de mais distincto, de mais *selecto*.

Havia então da parte de todos a mais plena confiança, toda a segurança.

O capoeira, a gente suja, sem gravata e sem sabão, não eram ainda os donos dos theatros.

Circulava-se francamente, brincava-se com toda a alegria e franqueza do bom humor e da segurança.

Sob o incognito do dominó, sob a mascara do chicard, sabia-se que estava um galant'uomo.

E os camarotes se lhe franqueavam todos alegremente sem o mais leve receio.

Os carnavalescos divertiam-se então, ao mesmo tempo que divertiam.

E voltava-se contente do theatro, contando cada um a sua historia, a sua farça.

Um tinha intrigado a futura sogra, com as mais prazenteiras gargalhadas da noiva.

Outro levantára algum véo.

Todos finalmente se jactavam de ter pregado uma peça, arranjado uma intriga, ou obtido um grande successo.

Carnavalescos e curiosos, todos se conheciam e todos podiam portanto brincar e divertir-se.

E o carnaval era então realmente uma festa alegre, cheia de prazeres e surpresas.

E esperava-se com anciedade, com interesse a vinda de Momo, como os judeus a do Messias.

Mas ai ! como tudo isso passou ! como tudo isso vae longe, tão longe !

O carnaval de hoje já não é a mesma cousa.

Nova gente, novas sociedades, novos divertimentos novo carnaval.

Os capoeiras começaram invadindo os theatros, que as familias tiveram de abandonar.

A canalha, os desordeiros, a gente mal encarada que ninguém conhece, tomaram conta dos theatros.

Era completamente outra gente ; uma gente nova, gente desconhecida e que ninguém queria conhecer.

Fugio finalmente tudo dos theatros.

As novas sociedades mesmo que se formaram, já não eram de gente idêntica.

Compostas d'uma mistura de todas as nações, sem conhecimento da sociedade fluminense.

Não conhecendo-a não podendo portanto critical-a, o carnaval tornou-se politico.

O que quer dizer desenxabido, sem graça, odioso e até ridiculo ás vezes, e ao mesmo tempo atacando sempre de preferencia as autoridades paiz, não respeitando nem o imperador.

Pelo contrario.

S. M. o imperador tem com effeito, desde certo tempo figurado em todos os sequitos carnavalescos, de modo ridiculo.

Se a policia infelizmente fecha os olhos a isso, a gente sensata aborrece-se, irrita-se.

O carnaval tornou-se portanto triste, desenxabido e odioso até.

Nada é ainda mais ridiculo do que : politica tratada por quem d'ella não entende patavina.

O carnaval tornou-se portanto, além de odioso, triste e desenhado e ridiculo.

Nada mata mais depressa do que o ridiculo, e eu creio que brevemente...

Elle definha em todo o caso.

O anno passado, já não houve tanta alegria, tanta animação como de costume,

Este anno, foi quasi nullo.

No domingo, as duas unicas sociedades que sahiram a passeio, passavam pelas ruas quasi vazias.

Terça-feira, não foi muito maior o enthusiasmo, nem mais intensa a alegria.

Não ha segundo exemplo d'um carnaval tão frio, tão abandonado no Rio de Janeiro.

E' sina de certo: o carnaval que morreu nos theatros, morreu agora nas ruas.

D'esta vez, nem se pode dizer d'elle a phrase consagrada: *caro, vale*.

Não...

Com effeito, o nosso bispo diocesano presentindo talvez a morte do carnaval, perdoou-nos da obrigação do peixe.

Uma pastoral cheia de intelligencia e de bondade, essa do Sr. D. Lacerda.

Ao contrario geralmente das pastoraes, a de S. Ex. é meiga, boa conselheira e humanitaria.

Nada de ameaças de inferno, nem penas do purgatorio; S. Ex. Rvma; embora nos exortando, falla-nos de perdão, de bemaventurança.

A sua dispensa do peixe obrigado, do jejum finalmente, é um acto da mais intelligente bondade.

O jejum, com effeito, nunca foi instituição divina; mas dos padres de Roma.

Jesus, ao contrario, nos apparece sempre dando de que comer aos que têm fome.

A grande ceia em que elle reuniu todos os seus apóstolos, mostra ainda que elle não era partidario do jejum.

Comprehendia mesmo os prazeres da mesa, e nas nupcias de Caná, diz-nos a historia santa, Jesus transforma a agua em vinho.

Teve pois razão o nosso bispo diocesano quando diz, na sua boa linguagem, dispensaveis umas tantas velharias.

Eu sou, de certo, christão pela graça de Deus; mas fui sempre contra o jejum.

Porque realmente, não sei, em que as caimbras nos estomagos do proximo possam ser agradaveis a Deus.

Vamos portanto ter uma quaresma que promete ser alegre e divertida.

Tanto melhor.

Será uma compensação ao carnaval, que foi decididamente triste e muito triste.

E então, não lhes dizia que vamos ter uma quaresma alegre e divertidissima?

Para começar, eis já ahi o club de São Christovão que me não deixa mentir.

Foi com effeito com uma bellissima festa que se inaugurou sabbado aquella sociedade.

O edificio, que não está ainda completo, tem já prompto um bello salão.

Espacioso, alegrado por grande numero de jantellas, é alegre e bem arejado.

A festa começou por um concerto, cujo programma foi todo perfeitamente executado:

Martha, fantasia de Smith, para piano a quatro mãos, pela Exma. Sra. D. Luiza Dias e o maestro Maneja foi muito applaudida.

A Exma. Sra. D. Christina Filgueiras cantou com muito gosto *il Delirio del core*, de Papini, romança obrigada a violino e piano.

Foi acompanhada pelo maestro Pereira da Costa no violino, e pela Exma. Sra. D. Desmerais no piano.

No duo de baixo e barytono, de *Marino Faliero* de Donizetti, sobresahio a voz do Sr. Bruno d'Oliveira.

Magistralmente executada pelo Sr. Pereira da Costa uma bella fantasia de sua inspiração.

E para fechar a primeira parte, cantaram-nos a Exma Sra. D. Julia de Amorim e os Srs. capitão Motta Pedro Cunha uma bella serenata, que foi muito justamente applaudida.

Na segunda parte, ouviu-se ainda e com prazer:

Fausto, duetto brilhante de Cerinelli, para piano a quatro mãos pela Exma. Sra. D. Luiza Dias e o maestro Maneja.

Julietta e Romeu de Bellini, aria de contralto, pela Exma Sra. D. Mathilde, que tem uma bella voz.

Poliuto de F. Bruno, fantasia para flauta e clarineta pelos Srs. C. Graça e A. Duarte.

Mais uma bellissima fantasia do Sr. Pereira da Costa, que elle proprio executou com aquella delicadeza e sentimento que todos lhe conhecem, admiram e applaudem.

Ruy-Blas de Marchetti, duetto para soprano e tenor pela Exm. Sra. D. Julia Amorim e o Sr. E. Cunha que assim fecharam o concerto com chave de...

Com chave de prata, digamos, para não dizer de ouro que é chapa já velha e muito gasta.

A sala, até então calma e recolhida, agita-se de repente, alegre e febril.

E' o baile que vai começar, que começa...

Que se anima e que não se acaba mais.

Eu aproveito então o ensejo de bem observar e de ver de mais perto possivel algumas convidadas.

Notei sobretudo muita moça dando á festa a frescura e o realce da sua juventude.

E quantas bellas, quantas formosas! Algumas mesma encantadoras, como certa moreninha de azul celeste e de rendas brancas, bocca desenhosa, narizinho arrebitado e uns olhos cada um como dois!

A's cinco horas da manhã ainda se dançava. Romeu tem ainda enlaçada Julietta que lhe diz:

Oh! não! não é ainda o canto da calhandra...

Uma quaresma alegre e divertida, portanto como eu lhes dizia, de resto.

No campo dos theatros é que, ao que parece, vaé abrit-se proximamente um grande vacuo.

Segundo se diz, partem para Europa:

A Sra. Delmary, muito brevemente.

Que mares mais suaves e menos saccadellados do que a sua voz a reintegrem á patria.

A Sra. Fantony, ainda mais brevemente, que vaé comer o ganhado e desaprender um pouco de portuguez, que ia já paguendo.

A Sra. Rosa Villiot, por fortuna feita, e para matar saudades de vinte e sete annos. Era tempo!

E a Sra. Leonor Rivero, por motivos completamente inversos.

Uma debandada, como vêm: mas que infelizmente não é um pouco mais completa.

Ha tantas ainda actrizes cantoras que bem podiam ir brilhar sob outros céus.

Ficasse-nos a Sra. Rosa Merys, que é uma artista briosa e intelligente e nem a arte nem nós não perdiamos nada.

As que se vão com effeito, não formavam senão um bando de curicas grasnando em scena n'um idioma que nunca existio.

As nossas scenas vão se tornando, com este systema de nenhum artista fallar a sua lingua, a mais ridicula Babel.

Se realmente se fossem todas as gasguitas e nos ficasse o endiabrado o intelligente Boccacio, era o caso para dizer:

Foram-se os aneis, ficaram os dedos.

Se a leitora lê os annuncios nas folhas diarias deve ter visto como tratam ahi do cão.

O melhor amigo do homem é, com effeito, ali prevenido de que vaé morrer envenenado.

A camara acaba de armar de bolas de strichnina todos os seus fiscaes, contra os cães.

Borgias disfarçados, os carrascos da camara vão entrar em funcções activas.

E nós vamos assistir mais uma vez ao triste espectáculo de cães estribuchando nas ruas da primeira cidade d'America do Sul!

Certamente, como já eu tive occasião de dizer, o espectáculo que nos offerecem a cada passo e a noite muitos cães abandonados, vagando, magros, tristes, á cata d'um pedaço de pão, d'um osso, d'um olhar amigo é desagradavel e pouco edificante.

Mas é porventura mais edificante o estribuchar dos pobres animaes envenenados?

Por que não empregar outros meios humanos, como se pratica n'outras cidades?

Si se pudesse punir os seus donos...

Nós começamos a precisar muito no Rio de Janeiro d'uma sociedade protectora dos animaes.

Os nossos cocheiros são perversos; ha carroceiros, que no seu desespero contra os seus burros, que são entretanto o seu ganha pão, chegam a morder os infelizes animaes.

Eu já vi á rua Sete de Setembro, um possante inglez

tomar nobremente a defesa d'um burro, maltratado injustamente pelo carroceiro.

O carroceiro insistindo, o nosso inglez distribue-lhe uma boa duzia de valentes soccos tão bem applicados, tão bem dados, que o aguadeiro, levantando-se, pediu-lhe respeito-samente:

— O Sr., que é assim tão forte, bem podia ajudar-me a tirar a minha carroça do buraco...

E o favor foi feito.

Eu não sei se a leitora gosta dos animaes irracionaes. Eu gosto de todos. O amor dos brutos consola tanto da ingratitude dos homens!

Na Europa, na Inglaterra e na França sobretudo o cão occupa lugar distincto.

Por uma serie de exposições que vão tendo lugar em Paris, se procura reerguer a raça dos cães — quando o genero humano se embrutece entretanto.

Eu tive occasião de ver uma exposição de cães. Nada é mais interessante.

E como os cães nos lembram as pessoas conhecidas! Como os galgos sobretudo se parecem com as mulheres que nós conhecemos!

Diz-se que o homem descende do macaco.

O cão tem seguramente uma origem muito mais alta descende do lobo.

Os avós ficaram sendo sempre os mais fortes do que os netos; mas que encantadora degeneração não é o fraldiqueiro.

Por um fraldiqueiro pertencente ao Sr. Dr. Caillard exposto na ultima exposição de Paris foi offerecida a somma de quinhentas libras esterlinas, cinco contos approximadamente da nossa moeda.

Entre nós, está ainda muito pouco introduzida a moda dos cães.

Entretanto é conhecida a sentença: "Nous aimons le chien, quand nous aimons la femme dont il est le chien."

E um poeta acrescenta que o inverso póde ainda ser dita como verdadeira.

As senhoras que possuem algum cão, escolhem-n'o de preferencia de raça pequena.

Eu acho ao contrario que a mulher devia escolher, como companheiro, um grande cão, como a amazona escolhe um grande cavallo.

Elle seria de resto um protector.

A duqueza d'Uzés possui uma grande matilha — magnifica matilha que correu o anno passado cincoenta veados e cinco veados apanhou.

Ha no cão um philosopho talvez.

Quando elle ladra á lua, o olhar cheio d'um reflexo d'ouro, uiva elle dolorosamente? Ou voluptuosamente?

O que vê na lua?

Na minha provincia, os velhos matutos explicam o mysterio do uivar á lua, dizendo que:

"A lua é o lugar entre céu e terra, onde vaé a alma dos cães, depois da morte."

E' quasi a idéa da Biblia india que diz: "o cão é uma alma inferior."

E' o unico animal que, espontaneamente, abandonou os outros para se pôr ao serviço e á guarda do homem.

Do seu espirito, dá prova esta pequena historia:

Um gentilhomen inglez havia habituado o seu terra-nova a ter sempre á mesa o primeiro pedaço de *roast-beef* certado pelo amo.

Esquecendo-se este uma tarde do seu compromisso,

O cão sahe repentinamente, e volta minutos depois, trazendo na bocca um ramo de myosotis, que depoz sobre a mesa ao lado de seu patrão.

Um ramo de myosotis — *Forget me not*.

De todo o modo, é, confessemos bem achado.

DANTAS J.

BIBLIOGRAPHIA

— O Sr. Oscar Pederneira offereceu-nos um exemplar do seu livrinho *A Côte em ceroulas*. Descreve o autor com algum chiste e observação certas scenas da vida fluminense; e é de esperar que aproveite essas qualidades para obra de maior folego.

— Recommendamos ás nossas leitoras *A Mãe de Família*, jornal de hygiene e educação da infancia, do qual recebemos os numeros 3 e 4, do mez de Fevereiro. Afóra os artigos sobre medicina, firmados pelos illustrados Srs. Drs. Carlos Costa e Pires de Almeida, e preceitos indispensaveis ás maes de familia, contém os numeros que temos á vista varios moldes e figurinos para as creanças.

ENSINO DA MULHER

Congratulando-nos com as nossas leitoras pela inauguração do curso gratuito de ensino secundario para o sexo feminino, instituição que muito honra ao seu iniciador e oxalá que produza os almejados fins, transcrevemos os trechos finais do eloquente discurso, proferido pelo Sr. Dr. José Joaquim do Carmo, reitor do Externato de Pedro 2º.

„ A civilização, disse-o o mais profundo dos modernos pensadores, é a educação dos povos, do mesmo modo que a educação é a civilização dos individuos; e os povos que se educam e os individuos que se civilisam, diz-vos agora o obscuro cidadão a quem ouvis, são mantenedores da estatica, e agentes da dinamica social, elementos de ordem e propulsores do progresso humanitario, reunindo em si as virtudes de Sem, que conserva o dogma no passado, e as virtudes de Japhet, que o propaga no presente e o propagará no futuro.

„ Mas, as raças, os Estados, os povos, as gerações e os individuos que se civilisam e educam não poderiam educar-se e civilisar-se sem a educação e civilização da familia, e a familia não existe sem a mulher educada e civilisada, a rainha, a consolação, o conforto, o anjo do lar.

„ A mulher, educada e civilisada como filha, para esposa e para mãe, não para os misteres e funções da vida civil, que só cabem ao homem; a mulher, educada e civilisada para a grandiosa missão que lhe assignou a Providencia nos destinos do mundo, não para a vaidade, para o pedantismo e para a corretagem politica e administrativa; a mulher educada e civilisada pelo livro que instrue, não pelo jornal que mutila e fragmenta a sciencia; a mulher, educada e civilisada pelas lições e exemplos que edificam e elevam, não pelo folhetim, que abate e arruina.

„ Nos tempos calamitosos que correm, quando a anarchia mental conturba a consciencia publica, que não parece já distinguir lucidamente o bem do mal, e o homem justo do homem injusto; quando a revolução material dos factos afigura-se a alguns a consequencia logica da revolução moral das idéas, instituições como esta correspondem á mais instante das necessidades sociaes, e constituem manifestações beneficicas do pensamento salvador.

„ Bem haja o homem que não recua diante de sacrificios para levar avante uma grande empreza a que entende, a que mais se prende com os mais graves interesses do futuro da sociedade brasileira: bem haja o monarcha que acode solícito a estender o manto protector ao instituto cujos trabalhos hoje se inauguram.

„ E vós, senhoras, que, acudindo, em numeroso grupo, ao appello de um illustre cidadão, vindes acolher-vos á benefica sombra deste instituto, não esqueçais nunca que se trata do vosso futuro, do futuro de vossa familia, e dos destinos de nossa patria.“

CRYPTOGRAPHIA

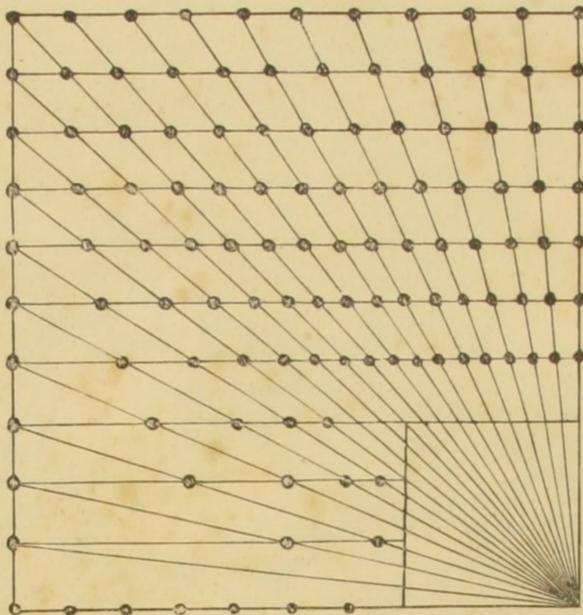
(Continuação. — Vide o N. de 15 de Dezembro de 1882)

SEGUNDO GRUPO

8º As grade.

Este meio foi muito empregado nas relações diplomaticas. Consiste em uma lamina de papel, pergaminho ou metal, furrado segundo certas e determinadas leis. Quando se quer escrever, applica-se a grade sobre o papel e, atravez dos furos escreve-se a missiva, depois do que, levantada a lamina enche-se os claros com letras de valor nullo.

O correspondente a receber a missiva applica sobre o papel, e no mesmo lugar, a grade igual a primeira, que possui, e só assim pôde saber o sentido da communicação que lhe é feita. Construem-se grades com muitas bases diversas; o N. de 30 de Junho da *Estação* do anno proximo passado publicou um exemplo: aqui vai outro



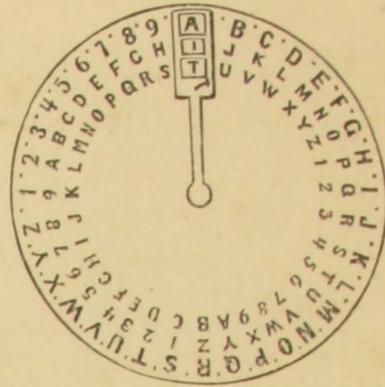
9º O mostrador.

Tambem se considera intraduzivel o presente meio, como o antecedente.

Consiste este meio em construir-se mostradores semelhantes aos de relógio, iguaes entre si. Cada correspondente fica com uma copia para si. O mostrador tem em lugar de horas, letras do alfabeto em 3 ou 4 carreiras sobrepostas o que quer dizer que cada letra superior pode ser representada por qualquer das que lhe ficam abaixo. Assim é que no exemplo a letra A pôde ser representada á vontade de quem escreve por T ou I a letra B, por U ou J

O correspondente que recebe a missiva, levando o ponteiro sobre cada letra vê nas casas que ficam sobrepostas

as referidas relações e escolhe qual d'ellas convem para o sentido da phrase.



Eis um recado escripto por este processo e que desafia todos os meios conhecidos de decifração por deducção ou raciocínio. Só pôde ser lido com auxilio do mostrador acima.

KW7A3TV28 W 9WB2IW8Z 41 BAV8U6X7WTL8
VILT NIVT XWB XT5M, LXX821 THX W2ZX2

(Continúa.)

Fabrica
DE
SABÃO de COSMYDOR
F. Godfriaux
FABRICANTE-CHIMICO

COSMYDOR

Agua de Toucador Composta
de REGNIER
PAR

BALSAMICA AROMATICA HYGIENICA
Sem Vinagre nem nenhum Acido

Fabricante DE PERFUMES Chimicos

FABRICA A LEVALLOIS-PERRET

Deposito Geral:
PARIS, 53, Boulevard Sébastopol, 53, PARIS

GUERLAIN DE PARIS

PERFUMARIA DE LUXO

PARIS, 15, rua de la Paix, 15, PARIS

ARTIGOS RECOMMENDADOS:

AGUA de COLONIA IMPERIAL.

SAPOCETI, Sabonete de Toucador.

AMBROSIAL CREAM (Creme Jacobina para a Barba)

CREME de MORANGOS, para amaciar a pelle.

POS de CYPRIS, para branquear a Tez.

STILBOIDE crystallizado e fluido, para os Cabellos e a Barba.

AGUA ATHENIENSE e AGUA LUSTRAL, para perfumar e limpar a Cabeça.

AGUA de CIDRA e AGUA de CHYPRE, para o Toucador.

ALCOOLATO de COCHLEARIA, para a Bocca.

PERFUMES PARA LENÇO:

BOUQUET MARIA-CHRISTINA.

PAO-ROSA.

BOUQUET de CINTRA.

HELIOTROPE BRANCO.

BOUQUET IMPERIAL RUSSO.

EXTRACTO IMPERIAL do BRAZIL.

EXPOSIÇÃO de PARIS.

PERFUME de FRANÇA.

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARISResumem todas as
Propriedades
do IODO
e do FERRO.40
Rua Bonaparte
PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangue.

DIGESTÕES ARTIFICIAES
VINHO Bi Digestivo DE CHASSAING

com PEPINA e DIASTASE
AGENTES NATURAES e INDISPENSAVEIS da DIGESTÃO
20 ANOS DE SUCESSO
CONTRA AS
DIGESTÕES DIFFICEIS ou INCOMPLETAS,
DÓRES DE ESTOMAGO, DISPEPSIAS,
GASTRALGIAS, PERDA do APPETITE e das FORÇAS,
EMMAGRE IMENTO, CONSUMPÇÃO,
CONVALESCENÇAS LENTAS, VOMITOS, etc., etc.
PARIS - 6, Avenue Victoria, 6 - PARIS
ACHA-SE NAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS

MOLESTIAS NERVOSAS

APPROVAÇÃO da ACADEMIA de MEDICINA de FRANÇA

XAROPE de FALIÈRES

de Bromureto de Potassio absolutamente puro
Constituido no estado inalteravel e verdadeiramente puro, este preparado é o medicamento que produz o maior numero de curas e melhoas persistentes, em todos os casos em que o Bromureto de Potassio ordinario, tantas vezes inefficaz, é receitado pelo medico.
PARIS - 6, Avenue Victoria, 6 - PARIS
ENCONTRA-SE NAS PRINCIPAES PHARMACIAS

Alimentação Racional

das CRIANÇAS - MÃES - AMAS de LEITE e CONVALESCENTES

PHOSPHATINA FALIÈRES

(Alimento Completo)
GRAVIDEZ - AMAMENTAÇÃO - ABLACTAÇÃO
MOLESTIAS da INFANCIA
PARIS - 6, Avenue Victoria, 6 - PARIS
E NAS PRINCIPAES PHARMACIAS.